



Cuadernos de Geografía - Revista Colombiana

de Geografía

ISSN: 0121-215X

rcgeogra\_fchbog@unal.edu.co

Universidad Nacional de Colombia

Colombia

Pereira, Mirlei Fachini Vicente

Globalização, especialização territorial e divisão do trabalho: Patrocínio e o café do Cerrado mineiro

Cuadernos de Geografía - Revista Colombiana de Geografía, vol. 23, núm. 2, julio-diciembre, 2014,

pp. 239-254

Universidad Nacional de Colombia

Bogotá, Colombia

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=281830704015>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

# **Globalização, especialização territorial e divisão do trabalho: Patrocínio e o café do Cerrado mineiro\***

Globalización, especialización territorial y división del trabajo:  
Patrocínio y el café del Cerrado de Minas Gerais

Globalization, Territorial Specialization, and Division of Labor:  
Patrocínio and the Coffee from the Cerrado of Minas Gerais

**Mirlei Fachini Vicente Pereira\*\***

Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais - Brasil

## **Resumo**

O período de globalização é muito marcado pela profusão de eventos que alargam os circuitos produtivos modernos no território, ao mesmo tempo em que os lugares tornam-se especializados. Em Patrocínio, município mineiro especializado na produção de café, encontramos os novos imperativos da divisão territorial do trabalho, que cria uma situação singular no território com a expansão dos nexos globalizados, ao mesmo tempo em que, no lugar, são multiplicadas as atividades e os agentes voltados à produção.

**Palavras-chave:** agronegócio, café do cerrado mineiro, consumo produtivo, divisão territorial do trabalho, especialização territorial.

## **Resumen**

El periodo de globalización es muy marcado por la profusión de eventos que amplían los circuitos productivos modernos en el territorio, al mismo tiempo que se especializan los lugares. En Patrocínio, municipio de Minas Gerais especializado en la producción de café, se encuentran los nuevos imperativos de la división territorial del trabajo, que crean una situación singular en el territorio con la expansión de los nexos globalizados, al mismo tiempo que, en el lugar, se multiplican las actividades y los agentes relacionados con la producción.

**Palabras clave:** agroindustria, café del cerrado de Minas Gerais, consumo productivo, división territorial del trabajo, especialización territorial.

## **Abstract**

The era of globalization is marked by the proliferation of events that expand modern productive circuits in the territory, while at the same time specializing locations. In Patrocínio, a municipality of Minas Gerais specialized in coffee production, it is possible to observe the new imperatives of the territorial division of labor, which create a unique situation in the region due to the expansion of globalized connections, while at the same time multiplying the activities and agents linked to production.

**Keywords:** agribusiness, coffee from the *Cerrado* of Minas Gerais, productive consumption, territorial division of labor, territorial specialization.

RECEBIDO: 4 DE MARÇO DE 2013. ACEITO: 19 DE JUNHO DE 2013.

Artigo de pesquisa sobre a avaliação dos sentidos da especialização territorial produtiva em Patrocínio e região, no que tange à produção cafeeira (café do cerrado mineiro). São avaliadas as atividades que, localizadas no meio urbano de Patrocínio, dão suporte à produção regional reconhecendo os principais agentes e suas estratégias de uso do território.

\* O presente artigo resulta do projeto de pesquisa intitulado “Território e economia na região do agronegócio em Minas Gerais: As cidades e o campo moderno no Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba (Uberlândia, Uberaba e Patrocínio)”, coordenado pelo autor e realizado com auxílio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), processo SHA-APQ-04379-10, 2011-2013.

\*\* Endereço postal: Av. João Naves de Ávila 2121, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. CEP: 38408-100.  
Correio eletrônico: mirlei@ig.ufu.br

## Introdução

O período de globalização, sustentado pela evolução da técnica que transforma o meio geográfico, é muito marcado pela profusão de eventos e novos nexos territoriais que alargam os modernos circuitos espaciais produtivos. A agricultura não escapa a tal processo e as culturas que figuram como mais valorizadas no mercado, bem como as respectivas áreas que aparecem como mais dinâmicas por acolher a produção moderna, conhecem no atual período tanto uma expansão dos nexos e ações globalizados (que acionam diferentes agentes e redefinem a vida de relações nos lugares). Assim, há um aprofundamento da divisão do trabalho e a consequente multiplicação das atividades ligadas à produção, que tomam os lugares e regiões especializados. O arranjo sistêmico de objetos e ações cria particularidades nos lugares, que, assim, podem por vezes figurar como recursos estratégicos à acumulação de agentes distantes.

Desse modo, é de um processo geral, que não se encerra nos lugares ou no território nacional, visto que resulta de demandas e ações longínquas, que a divisão territorial do trabalho se realiza se materializa nos lugares, diferenciando-os porque não são atingidos do mesmo modo e ao mesmo tempo pelos vetores externos. Nas palavras de Milton Santos,

A cada movimento social, possibilitado pelo processo da divisão do trabalho, uma nova geografia se estabelece, seja pela criação de novas formas para atender a novas funções, seja pela alteração funcional das formas já existentes. Daí a estreita relação entre divisão social do trabalho, responsável pelos movimentos da sociedade, e a sua repartição espacial. (Santos [1978] 2008, 62)

Em Patrocínio, município localizado no Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba (Minas Gerais, Brasil), com população estimada em 86 mil habitantes pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE 2012) e especializado na produção de café (maior município produtor do país em 2010, quando foram colhidas mais de 60 mil toneladas) (IBGE 2011), encontramos os novos imperativos da divisão territorial do trabalho neste período de globalização, atendendo aos reclamos do mercado e de um país que se afirma como importante fornecedor de *commodities*, na medida em que a produção e o território se modernizam (em termos técnicos e organizacionais), a produção alcança expressivo volume e qualidade, ganha novos mercados (especialmente o externo) e passa a ser alvo de interesse

e controle de agentes globais (que recentemente se instalaram no município).

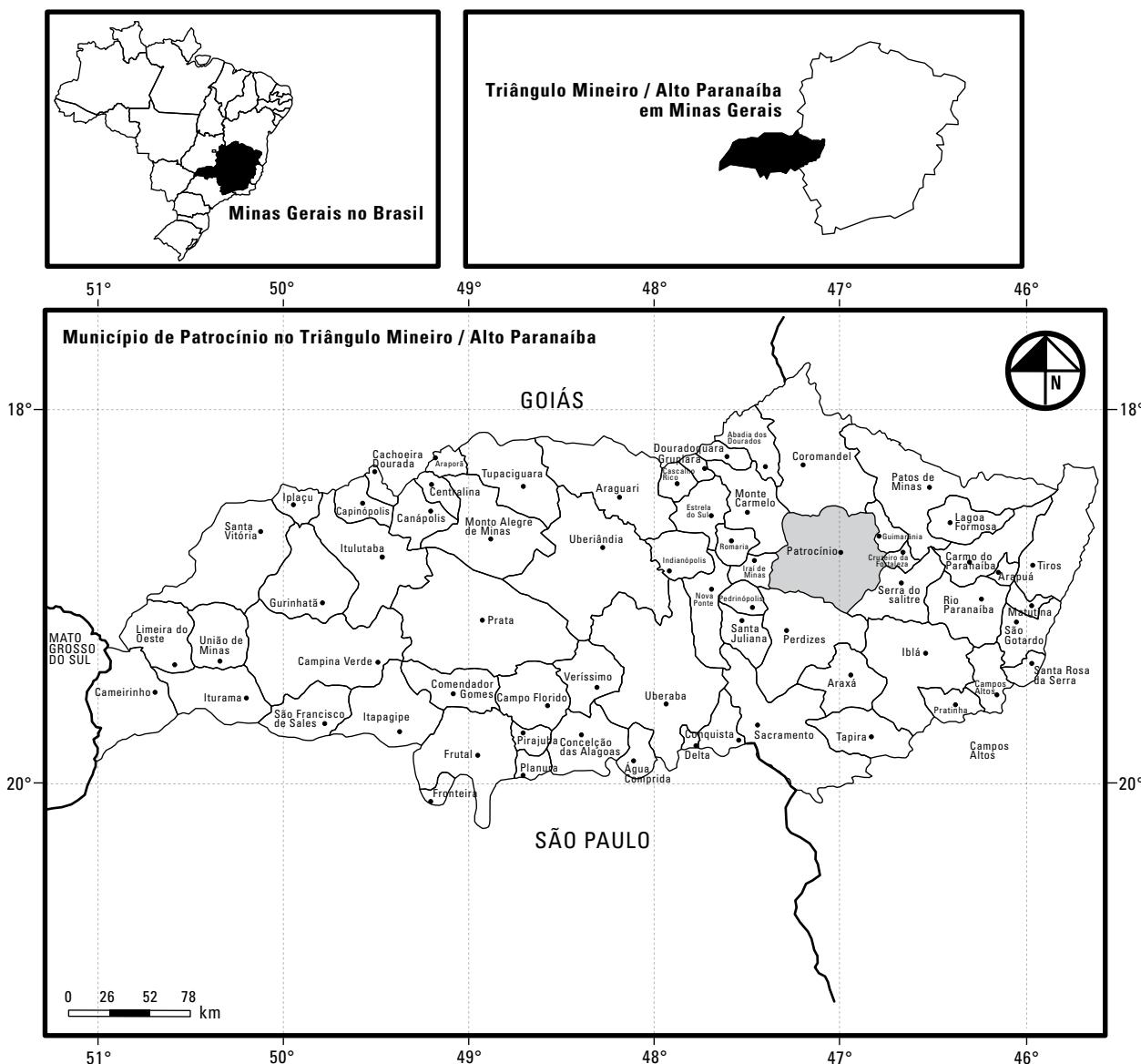
Ao mesmo tempo, tal modernização e a profusão de fluxos e interesses externos que lhe acompanha resultam e se conjugam, no lugar, com uma nova organização política (com a criação de instituições que defendem interesses dos produtores e viabilizam uma maior competitividade do produto); além de uma multiplicação das tarefas de suporte à produção, especialmente atividades de comércio e serviços ligados às instâncias locais do circuito espacial produtivo (num trabalho que é bastante dividido localmente), o que revela a face urbana hoje indispensável à realização da agricultura científica globalizada (Santos 1993, 2000). Assim, é criada uma situação particular no território, onde agentes e empresas de atuação local ora ampliam suas atuações, ora se encontram ameaçados por grupos externos.

É o embate de diferentes lógicas de organização do trabalho, diferentes esquemas de acumulação e formas desiguais de inserção na atividade produtiva e nas tarefas que dão suporte à produção e à comercialização, bem como o lugar onde horizontalidades e verticalidades (Santos 1994) se encontram e se defrontam no território.

A partir de tais considerações, pretendemos avaliar os sentidos da especialização territorial produtiva em Patrocínio e região, no que tange à produção cafeeira, recuperando a gênese e reconhecendo os períodos e as estratégias fundamentais à consolidação da produção no lugar. Num segundo momento, são avaliados atividades e serviços que, localizados no meio urbano de Patrocínio, dão suporte à produção regional ao reconhecerem a natureza de tais agentes, os nexos que estabelecem com a produção e suas estratégias de uso do território.

## Patrocínio e o café do cerrado: gênese e caráter da produção especializada

Atualmente, Minas Gerais é, no Brasil, o principal estado produtor de café (do tipo arábica) e concentra pouco mais da metade dos estabelecimentos agropecuários que se dedicam a esse cultivo no país (quase 105 mil propriedades, em 2006), produzindo em 2010 cerca de 1,5 milhão de toneladas (25,1 milhões de sacas de 60 kg) (Conab 2011). No Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, região inserida no domínio de cerrados e onde a produtividade do café é a maior do estado (mais de 31 sacas/ha em 2010), 4.443 propriedades se dedicam a tal cultivo e o município de Patrocínio, que é o principal produtor (figura 1), contava com 943 estabelecimentos produtores



**Figura 1.** Localização do município de Patrocínio, Estado de Minas Gerais, Brasil.  
Fonte: modificado de Brito e Lima 2007.

no ano de 2006, segundo dados do censo agropecuário (IBGE 2012). A gênese de um espaço especializado na produção cafeeira tem início em Patrocínio e outros municípios da região no início dos anos 1970, quando alguns agricultores paranaenses e paulistas iniciaram as atividades de cultivo do café no cerrado mineiro.

A década de 1970 é marcada por uma reestruturação territorial produtiva do café no território brasileiro, tendo em vista a existência de políticas públicas que visavam dotar a cultura de maior produtividade, como é o caso do Plano de Renovação e Revigoramento dos Cafazeais — doravante, PRRC (Ortega 2005). A partir de

esforços de erradicação de cafezais improdutivos, ou ainda por motivos de substituição por outros cultivos em tradicionais regiões produtoras de café, como é o caso do Paraná (onde os cultivos enfrentaram problemas climáticos na década de 1970) e também do estado de São Paulo (Frederico 2011), novas regiões do país foram alvo de inserção e expansão da cafeicultura moderna, ações estas que visavam reforçar e tornar mais competitiva a produção nacional. A inserção do café na região do cerrado mineiro resulta diretamente do PRRC, e a região é eleita como área viável para a implantação dos cultivos a partir de um novo zoneamento ecológico

proposto, bem como da oferta de crédito pelo Estado, o que viabilizou as novas áreas produtoras (Assunção 2002, 126).

É assim que, ao adquirir terras baratas no Triângulo Mineiro (até então utilizadas principalmente para a pecuária extensiva) e ao fazer uso de recursos públicos disponibilizados para o financiamento da produção, um conjunto de produtores inicia uma cafeicultura que, no cerrado, encontraria novos condicionantes territoriais à sua realização, já que as características da região impunham necessidades específicas ao manejo da cultura, que de algum modo acabaram por estimular a modernização.

A inserção e consolidação do cultivo do café nessa região de Minas Gerais ocorrem de forma diferenciada de outras tracionais regiões produtoras do estado (como o Sul de Minas e a Zona da Mata). As condições ambientais do Triângulo Mineiro e a estrutura territorial que se estabelece com a inserção de produtores de outras regiões do país favoreceram a implantação de uma cafeicultura moderna. Esforços científicos voltados ao campo, como cultivares melhorados, fertilizantes e defensivos, tornaram o cerrado mineiro uma das primeiras e principais regiões de difusão da cafeicultura moderna no território brasileiro.

Em meados da década de 1970, a Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais — doravante, EPAMIG, principal instituição de pesquisa voltada ao campo de Minas Gerais, inicia experimentos para o desenvolvimento da cafeicultura no cerrado e instala uma unidade da empresa em Patrocínio. As condições climáticas da região, que é caracterizada por temperaturas e pluviosidade ideais ao cultivo do café, com invernos secos (que coincidem com as colheitas), bem como as condições de relevo, com vastas áreas planas (que permitiriam mais tarde a mecanização da colheita), favoreceram o desenvolvimento de uma produção moderna e tecnificada.

Mas a modernização e os esforços de mecanização da produção ocorreram também em função da estrutura fundiária e da natureza dos empreendimentos que se dedicam à produção. O cultivo do café no Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba é marcado pela presença de unidades produtivas em geral maiores do que as encontradas nas regiões produtoras do Sul de Minas e da Zona da Mata mineira (Ortega 2005; Simões e Pelegrini 2010), além do fato de os primeiros produtores (que inserem o cultivo comercial na região) terem trazido experiências acumuladas em outras regiões produtoras

(nos estados de São Paulo e Paraná), boa parte destes com algum capital (empregado na compra de terras).

Ao que tudo indica, e tomando por base os dados do Censo Agropecuário de 2006, um conjunto de pequenas propriedades também se dedica à produção cafeeira na região, ainda que o perfil seja marcado pela presença de estabelecimentos maiores, quando comparado ao conjunto do estado. Se em Minas Gerais a maior parte dos estabelecimentos produtores podia, em 2006, ser considerada de pequeno porte (mais de 75% dos estabelecimentos com até 10 hectares), no Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba a produção de café ocorre em propriedades maiores (cerca de metade dos estabelecimentos produtores com área de mais de 50 hectares) (IBGE 2012). No mesmo ano, o município de Patrocínio apresentava maior incidência dos pequenos estabelecimentos produtores, quando comparado com o total da região (conforme exposto na tabela 1).

**Tabela 1.** Estabelecimentos produtores de café em Patrocínio, Minas Gerais, Brasil (2006).

Área do estabelecimento	Número
Menos de 10 ha	475
De 10 a menos de 50 ha	233
De 50 a menos de 100 ha	49
De 100 a menos de 200 ha	40
De 200 a menos de 500 ha	20
De 500 ha e mais	1
Sem declaração	125
<b>Total</b>	<b>943</b>

Dados: IBGE 2012.

Ao longo dos anos 1980, um conjunto de municípios no Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba acaba por tornar-se especializado na produção de café, a qual se afirma e ganha maior importância durante os anos 1990. Podemos compreender que tal situação resulta de um acontecer homólogo (Santos 1994, 1996), quando as primeiras experiências individuais conhecem êxito e as condições regionais de realização da produção acabam por atrair novos produtores de diferentes áreas do país, experiência que acaba mais tarde por atrair também agricultores locais.

Se os anos 1970 e 1980 marcam a expansão e consolidação dos cultivos, podemos reconhecer, na década de 1990, a emergência de um novo período que caracteriza a produção regional, com adição de um conjunto de modernidades, como máquinas e sistemas técnicos modernos, se fortalece nos anos 1990, quando se

expande na região o emprego da colheita mecanizada e também da irrigação, o que aumentou a produtividade. Tal instrumentalização do trabalho e também do território resultam de esforços por uma maior organização política dos produtores, na procura por novos mercados e na defesa de interesses comuns; essa organização tornará Patrocínio um centro estratégico de gestão do agronegócio do café no cerrado mineiro.

Tal como outras *commodities* agrícolas, a cultura do café é historicamente exposta às oscilações do preço das sacas, que resulta de um conjunto de fatores externos e não controláveis localmente (volume da produção realizada no exterior, preços de insumos e cotações definidas no exterior etc.). Uma região especializada em tal cultivo é, dessa forma, extremamente vulnerável a ações e interesses exógenos. É por tais motivos que na região de Patrocínio um conjunto de produtores buscou, de forma mais expressiva a partir dos anos 1990, organizar estratégias políticas capazes de atenuar as interferências externas nos ganhos da produção. Entre outras ações, é criado um conjunto significativo de associações de produtores e também de cooperativas nos principais municípios que se dedicam ao cultivo (Araguari, Patrocínio, Carmo do Paranaíba, Monte Carmelo, Coromandel, entre outros). Tais instituições promovem a articulação de produtores para a prática de uma cafeicultura competitiva, além de atuarem diretamente em estratégias de comercialização e modernização (ao difundir, por meio de eventos, técnicas e procedimentos voltados à atividade). Estratégias de marketing e também a defesa de interesses dos produtores são otimizadas em 1992 com a criação do Conselho das Associações dos Cafeicultores do Cerrado — doravante, Caccer (hoje denominado Federação dos Cafeicultores do Cerrado Mineiro), instituição sediada em Patrocínio. Também em Patrocínio é criada, em 1995, a Central de Cooperativas dos Cafeicultores do Cerrado (Expocacker), que desempenha até hoje a função de principal agente de comercialização da produção regional. Trata-se de uma nova composição do território, melhor equipado em termos técnicos e políticos para a promoção da atividade; assim, já no início dos anos 1990, Patrocínio afirma-se como o principal centro articulador da produção do café no cerrado mineiro, especialmente no que se refere aos cafés finos.

Uma segunda estratégia é a de valorização da produção por meio de esforços de certificação, como meio de diferenciar o produto no mercado, agregar valor à produção e, de algum modo, garantir reservas de mercado a determinados produtores; marca notável, na região,

da cafeicultura científica globalizada realizada hoje no Brasil (Frederico 2011). Destaca-se, nesse sentido, a iniciativa do Caccer que, em 1995, conquista o primeiro selo de indicação geográfica para a produção de café no Brasil —o “Café do Cerrado” — (Ortega e Jesus 2009, 2), o que significa que a região produtora de café no cerrado mineiro passa a ser demarcada e certificada, o que confere a ela novo *status* de qualidade e padrão de produção exclusivamente para a produção certificada (o que confere extremo valor agregado ao produto). No ano de 2011, a denominação “Café do Cerrado” é substituída por nova nomenclatura —“Região do Cerrado Mineiro”—, a fim de conferir maior identidade de origem (ao expressar diretamente a localização da produção), para os cafés cultivados por produtores certificados.

Em síntese, a situação geográfica que caracteriza o município, no que se refere à sua especialização territorial para a produção cafeeira, pode ser resumida a partir do tabela 2, na qual encontra-se os principais eventos e instituições que fomentam e organizam a produção regional. Destaca-se a presença, na região, de uma organização política dos produtores a partir de associações, criadas entre os anos 1980 e 1990, além de cooperativas e da própria Federação dos Cafeicultores, o que demonstra o caráter de organização dos agentes ante a busca por competitividade da atividade na região e também uma nítida defesa de seus interesses de classe (Silva 2012).

Hoje, a Federação dos Cafeicultores do Cerrado (sediada em Patrocínio) é responsável pela avaliação das especificações exigidas pela certificação, ao emitir o selo de indicação de origem “Região do Triângulo Mineiro” para produtores que atendem aos seus padrões normativos no Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba e Noroeste de Minas.

Canal privilegiado para a organização da atividade de exportação, a Expocacker, sediada em Patrocínio, também concentra na região os serviços de armazenagem (com armazéns credenciados na Bolsa de Mercadorias & Futuro e certificados por instituições internacionais), compras de insumos e defensivos agrícolas, oferta de crédito e realização de grandes eventos do setor (junto às associações de produtores), ou seja, serviços e funções especializados que diretamente cooperam com as práticas da cafeicultura moderna e competitiva. Em 2010, foram comercializadas pela Cooperativa 670,4 mil sacas (60 kg) e desse total, 166,9 mil sacas foram exportadas principalmente para os Estados Unidos da América (21,4%), Bélgica (18,8%) e Espanha (9,0%) (Expocacker 2011, 23).

**Tabela 2.** Cronologia organizacional da atividade cafeeira no Triângulo Mineiro/  
Alto Paranaíba - principais eventos/instituições e suas funções na região.

Período	Evento / instituição	Função / importância
Anos 1970	Início dos cultivos do café para fins comerciais na região.	Agricultores paranaenses e paulistas se instalaram na região, e adquirem terras baratas. No entanto, as condições do cerrado demandariam novas técnicas de produção.
	1975: a EPAMIG inicia pesquisas com café, a fim de desenvolver a cultura no cerrado mineiro.	Epamig inicia as atividades com experimentos em propriedades privadas e mais tarde com estação experimental própria em Patrocínio.
Anos 1980	Criada em 1986 a primeira associação de cafeicultores, no município de Araguari - Associação dos Cafeicultores de Araguari (ACA).	A partir de Araguari, toda uma nova forma de cultivo do café se estabelece no cerrado com vistas à modernização (grandes eventos, mecanização, cultivos irrigados etc.).
Anos 1990	São criadas associações de cafeicultores em vários municípios em 1990, a Acarpa (Patrocínio); em 1991 a Assocafé (Carmo do Paranaíba), a Amoca (Monte Carmelo) e a Assocoró (Coromandel); em 1993 a Accar (Campos Altos e região); em 1997 a Acanor (Noroeste Mineiro) e em 1998 a Acasa (Sacramento).	Com um novo conjunto de instituições, a produção ganha na década de 1990 novos objetivos em termos de organização política dos produtores e as associações serão agentes importantes na condução da modernização regional da produção cafeeira.
	Em 1992, é criado em Patrocínio o Conselho das Associações dos Cafeicultores do Cerrado (Cacker).	O Cacker visa articular e defender interesses políticos das associações na região, sobretudo na busca por novos mercados, valorização da produção e <i>marketing</i> . Afirma-se o controle regional das ações a partir de Patrocínio.
	Em 1993 é criada a Cooperativa dos Cafeicultores do Cerrado de Patrocínio Ltda. (Coocacer Patrocínio), e em 1994 a Cooperativa dos Cafeicultores do Cerrado Araguari (Coocacer Araguari).	As cooperativas visam operacionalizar um canal de comercialização da produção regional. Pouco mais tarde, tais atividades seriam mais uma vez centralizadas em Patrocínio (com a Expocacker, criada em 1995).
Anos 2000	1995: o Cacker conquista a primeira indicação geográfica para o café no Brasil ("Café do Cerrado").	A indicação geográfica exemplifica as novas estratégias de competitividade da produção cafeeira, com registro no Instituto Nacional de Propriedade Industrial, o que cria um produto diferenciado e de alto valor agregado.
	Em 1995, é criada a Central de Cooperativas dos Cafeicultores do Cerrado (Expocacker), com incorporação da Coocacer Patrocínio.	A partir de 1995, a Expocacker torna-se a maior <i>trading</i> que opera o comércio interno e de exportação da produção regional, ao operar vendas no mercado futuro e com instalações certificadas por instituições estrangeiras.
Anos 2010	2009: o Cacker tem sua razão social alterada para "Federação dos Cafeicultores do Cerrado Mineiro".	A Federação, composta por sete associações e oito cooperativas, é responsável pela emissão do selo de indicação de origem. Junto à Expocacker, tais instituições reforçam a centralidade de Patrocínio na organização política dos cafeicultores no cerrado mineiro.
	2010: e fundada em Patrocínio a Associação dos Pequenos Produtores do Cerrado (APPCER).	Formada por pequenos produtores de café de Patrocínio e região, com apoio do Sebrae e prefeitura, atuam com uma certificadora internacional (Fairtrade) desde 2011.
Anos 2010	2011: a indicação geográfica "Café do Cerrado" foi alterada para "Região do Cerrado Mineiro".	Com o objetivo de dar visibilidade à produção no cerrado mineiro (já que existem outras regiões cafeeiras em áreas de cerrado), a denominação de origem é modificada.

Dados: Expocacker 2011; Federação dos Cafeicultores do Cerrado 2011; Ortega 2005; Souza e Pereira 2012.

Dessa situação de concentração não só da produção, mas sobretudo dos agentes estratégicos que, ainda que apenas localmente, coordenam ações políticas da produção, resulta uma função de controle organizacional da produção de cafés desempenhada por Patrocínio, especialmente no que se refere aos cafés finos (produtos gourmet e/ou certificados) que ganham extremo valor agregado e nichos de mercado (principalmente no exterior).

Assim, a composição técnica do território e a organização política (por parte dos maiores produtores) confere à porção do cerrado mineiro voltada à produção cafeeira a condição daquilo que Castillo e Frederico (2010) denominam como “espaço competitivo agrícola”, que, a nosso ver e para a região em estudo, tem como centro de articulação e comando (ainda que apenas em sua dimensão local/regional) a cidade de Patrocínio. É Patrocínio que sedia um conjunto de agentes políticos fundamentais à organização da produção (Federação dos Cafeicultores, Expocacer e associações das mais atuantes), além de um conjunto bastante expressivo de agentes (locais e externos) que oportunizam o necessário consumo produtivo do campo moderno. Tal situação confere à Patrocínio a condição de cidade do campo moderno (Santos 1993), ou aquilo que Elias (2006) denominou mais recentemente de “cidade do agronegócio”.

A organização política dos agentes para a defesa de seus interesses e para a criação de condições especiais de inserção da produção no mercado externo, como é o caso da indicação geográfica do produto e também das certificações da produção por agentes locais e externos, que ressaltam qualidades e especificidades, incluem desde preocupações com o meio ambiente a aspectos sociais dos trabalhadores (condições de trabalho, produção familiar e o chamado comércio justo). Tais ações figuram como novas estratégias de competitividade não só do produto como também do próprio lugar frente às exigências de um mercado globalizado e competitivo.

### **A especialização territorial e as ofertas locais do consumo produtivo do campo: agentes e lógicas do uso do território**

A parcela de trabalho e as funções atuais que o lugar acolhe não se realizam sem um conjunto numeroso de fixos —são infraestruturas como as presentes nas fazendas produtoras (terreiros, lavadores, secadeiros etc.)—, mas também estradas vicinais, rodovias, armazéns, entre

outros e, mesmo na cidade, um grande número de agentes ligados ao consumo produtivo do campo (e suas respectivas instalações) revelam uma composição técnica do território marcada por um volume importante de capital mobilizado na atividade cafeeira. De acordo com a interpretação de Milton Santos e María Laura Silveira, pode-se afirmar, também para o caso estudado, que “Cresce a espessura dos fluxos de produtos, insumos, pessoas, ordens e, sobretudo, dinheiro. E esses fluxos exigem novamente uma importante infraestrutura para se concretizarem” (Santos e Silveira 2001, 132).

Aos capitais fixados ao território, somam-se os insumos e implementos hoje cada vez mais indispensáveis à realização da agricultura científica globalizada, capazes de inserir novos fluxos (tendo em vista o consumo de insumos produzidos em espaços distantes) o que estabelece novos nexos territoriais para a produção.

Numa região conhecida pelo pioneirismo do trabalho mecanizado, tratores, colheitadeiras e sistemas de irrigação, embora sejam usados na maioria das vezes apenas pelos maiores produtores, figuram como instrumentos indispensáveis à produção moderna e competitiva de café. Uma nova geração de sistemas técnicos marcada pelo emprego de ferramentas tais como o geo-processamento (com uso de sistemas de informação geográfica, SIGs), também figuram como cada vez mais necessários —são oferecidos em Patrocínio serviços de agricultura de precisão, que possibilitam controle de produtividade e custos em alto grau de detalhamento (talhão por talhão na lavoura), também empregados para a certificação de propriedades voltadas ao crescente negócio dos cafés finos (certificações internacionais, indicação de origem etc.). Insumos como fertilizantes e defensivos completam a lista de tais necessidades.

Do mesmo modo, também é multiplicado o número de atividades e do trabalho voltados às instâncias locais do circuito espacial produtivo. Tais instrumentos, portadores de uma tecnologia exigente de novos conhecimentos, também exigem uma mão de obra especializada que, em muitos casos, não é encontrada no próprio município. Podemos assim reconhecer uma parcela crescente da sociedade composta por trabalhadores urbano residentes que desempenham tarefas essenciais à viabilização do trabalho moderno no campo (Santos 1993).

Tais situações, típicas das cidades inseridas no Brasil agrícola moderno e muito funcionais às demandas do campo (Santos 1993), revelam a importância do consumo produtivo do campo no conjunto da economia urbana.

Tal condição é revelada, em Patrocínio, pela espessura das atividades de suporte à realização da produção.

O tema do consumo produtivo, já discutido por Marx nos *Grundrisse* (1858), parece ser variável importante para reconhecermos a nova natureza do campo moderno, suas relações hoje cada vez mais estreitas com os centros urbanos e a natureza da divisão do trabalho que é localmente realizado.

Compreendido como um consumo que coincide diretamente com a produção —já que é um consumo necessário para a produção de novos objetos (mercadorias) ou serviços essenciais ao trabalho da produção propriamente dita (Marx [1858] 2011, 45)—, a novidade do período é que tal consumo, antes realizado e planejado como uma parcela da própria produção e do trabalho realizado diretamente nas unidades produtivas (com produtores que se dedicam a soluções próprias e locais para a adubação, colheita e beneficiamento, produção de sementes e mudas, etc.), hoje é cada vez mais distribuído num vasto conjunto de agentes (por vezes de atuação global), que alargam as instâncias geográficas de realização da produção e tornam mais especializada a divisão do trabalho (tarefas específicas e segmentadas), o que implica uma multiplicação dos agentes envolvidos nos circuitos produtivos e a expansão territorial dos circuitos modernos. Daí não podermos falar em circuitos regionais de produção, tendo em vista que a circulação aumenta e se expande cada vez mais no território (Silveira 2011, 6).

Desse modo, um conjunto de agentes se instala nos espaços mais competitivos da moderna produção agropecuária e, localizados no meio urbano próximo ao campo moderno, acabam por constituir uma variável-chave para a compreensão do fenômeno das cidades do agronegócio. Os agentes que permitem tal consumo produtivo do campo moderno figuram como condição de produção para a moderna agropecuária realizada no Brasil e revelam a atual inseparabilidade da produção primária (agropecuária) de um terciário moderno (comércio e serviços) fundamental à sua realização, tal como é fundamental a função das cidades junto às regiões agrícolas modernas que se estabelecem no território brasileiro neste período de globalização.

A partir de levantamento de dados secundários e da realização de trabalhos de campo, encontramos mais de uma centena de empresas localizadas em Patrocínio diretamente voltadas às demandas da cafeicultura realizada na região. Com a intenção de reconhecer algumas práticas, a natureza das funções e a inserção de tais agentes no circuito produtivo, foram entrevistadas

algumas das empresas localizadas no município<sup>1</sup>, a fim de obter subsídios para a discussão apresentada.

Um primeiro e essencial consumo produtivo é o do crédito —seu aumento e importância para o campo moderno são emblemáticos em Patrocínio. A agropecuária (e notadamente a atividade cafeeira) é a atividade responsável pela maior parte dos créditos contratados no município e os volumes contratados foram multiplicados em mais de sete vezes na última década. Em 2010, cerca de R\$ 242 milhões foram contratados em crédito agropecuário em instituições financeiras localizadas no município (R\$ 212 milhões apenas para a agricultura), o que representa cerca de 57% de todas as modalidades de crédito contratadas (pouco mais de R\$ 425 milhões) (BCB 2012; IBGE - Cidades 2012).

A prioridade do crédito para a atividade cafeeira é revelada também quando avaliamos a situação da oferta de crédito em uma instituição financeira estatal como o Banco do Brasil. Em Patrocínio (tabela 3) apenas o custeio do cultivo do café foi responsável por cerca de 70% do crédito agropecuário tomado no Banco do Brasil em 2011. Máquinas e implementos para a agricultura, assim como tratores, somados aos empréstimos para construção/reforma de terreiros para secagem dos grãos, conformam os principais itens financiados por este banco no município (que também inclui o custeio de bovinos e milho).

**Tabela 3.** Banco do Brasil - Principais itens financiados em Patrocínio 2011.

Itens	Crédito concedido (Mil R\$)	Número de contratos realizados	Valor Médio dos contratos (Mil R\$)
Café	83.955	604	139
Milho	7.881	57	138
Bovinos - Leite	5.646	108	52
Bovinos - Carne	4.766	46	106
Máquinas e implementos - agricultura	1.946	45	43
Tratores	1.482	25	59
Terreiros	1.170	16	73
<b>Total</b>	<b>106.846</b>	<b>901</b>	<b>118</b>

Dados: Banco do Brasil (novembro 2011).

Nota: valores arredondados (em Mil Reais), acumulados nas contratações até novembro de 2011.

<sup>1</sup> Foram levantadas 130 empresas em Patrocínio, por meio de consultas a catálogos telefônicos, publicações especializadas, sites na internet e também por meio de levantamentos de campo. Desse conjunto de agentes, foram visitadas e entrevistadas 50 empresas, nos meses de maio e junho de 2012.

Assim, o consumo do crédito é por excelência consumo produtivo do campo. Ele é o consumo primeiro e essencial, que permite uma série de outros consumos produtivos e fomenta a economia do terciário que, no município, se destaca dentre os demais setores da economia. O dinheiro adiantado em forma de crédito, de fato, acaba por animar os fluxos que têm origem tanto no lugar onde a produção se realiza quanto os de origem distante.

Para além das instituições financeiras, encontramos uma diversidade de agentes voltados à realização da cafeicultura moderna, que compõem tanto o circuito superior da economia urbana quanto um circuito superior marginal (Santos 1979), resultado da intensa divisão do trabalho que se realiza no lugar e da natureza diferenciada dos agentes que de algum modo se encontram envolvidos na produção.

Dentre os principais agentes que cooperam diretamente nas atividades de cultivo do café, encontram-se viveiros especializados no fornecimento de mudas e na produção de sementes selecionadas (pelo menos cinco empresas), além de empresas de consultoria agrícola que oferecem serviços prestados por agrônomos e técnicos que acompanham as atividades de produção, sugerem o uso de insumos, implantam sistemas de manejo que visam a um maior rendimento da lavoura etc. Mais de uma dezena desses agentes com porte e características de organização muito diferenciados, o que inclui desde empresas locais e pouco organizadas até representantes exclusivos para a venda de insumos produzidos pelas multinacionais estrangeiras que dominam o mercado de agrotóxicos e fertilizantes; compõem a oferta local de tais serviços. Se algumas dessas empresas atuam em Patrocínio desde os anos 1980, é expressivo o número de empresas criadas a partir dos anos 1990 e também nos anos 2000. Conforme informações levantadas em campo, se as empresas de menor porte (capital local) atendem a uma clientela variada em termos de tamanho das propriedades (pequenos, médios e grandes produtores), as maiores empresas do ramo por nós entrevistadas possuem, na maioria dos casos, os médios e grandes produtores como seus principais clientes. Se o crédito aparece como ferramenta indispensável para a venda de insumos, ocorre ao mesmo tempo o fornecimento de fertilizantes e defensivos pagos com a própria produção (sacas de café), inclusive como principal meio de pagamento informado por algumas das maiores empresas de consultoria agrícola e revenda de insumos<sup>2</sup>.

<sup>2</sup> Embora tal prática se realize também entre em empresas locais e de pequeno porte, chama a atenção o programa da

Ainda subsidiando diretamente as tarefas da produção, existem empresas que comercializam equipamentos e prestam serviços para instalação de sistemas de irrigação agrícola (pelo menos quatro em Patrocínio), o que revela o caráter técnico da moderna cafeicultura realizada no cerrado mineiro. Iniciada de forma rudimentar e com emprego de técnicas bastante simples, sobretudo a partir do município de Araguari, como solução para o problema da estiagem ocorrida em meados dos anos 1980 (Assunção 2002, 147), é na década de 1990 que a irrigação se expande no cerrado mineiro e se moderniza, ao utilizar novas tecnologias que, hoje, se mostram fundamentais à acumulação dos maiores produtores. Patrocínio conhece recentemente a instalação de tais empresas, algumas originadas em outros municípios da região (como é o caso de Monte Carmelo). Uma das empresas informou a comercialização de equipamentos importados (sobretudo de Israel), distribuídos por empresas localizadas no estado de São Paulo, o que indica a amplitude dos nexos estabelecidos para a realização da produção local. Se tais sistemas aparecem como fundamentais para a competitividade da produção, ao garantirem uma produtividade que em alguns casos alcança mais de 70 sacas/hectare (quando a média da produção de sequeiro na região é de 25 sacas/hectare), seu uso ainda se mostra muito seletivo —em 2006 (IBGE 2012) 736 propriedades (total de 37.815 hectares) praticavam a cafeicultura irrigada no Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba (162 delas localizadas em Araguari, principal município difusor de tal prática na região). A microrregião de Patrocínio contava com 354 propriedades (total de 19.189 hectares) que utilizavam técnicas de irrigação e no município de Patrocínio 40 propriedades empregavam esse sistema (em pouco mais de 2.350 hectares). A técnica de irrigação localizada (por gotejamento ou microaspersão) é a mais difundida, ainda que as maiores propriedades utilizem sistemas mais modernos como os de aspersão por pivô central, apenas três propriedades utilizavam em 2006 o pivô central para irrigação de cafezais em

Syngenta de comercialização de um pacote de insumos por meio de trocas por cafés finos (prática conhecida no mercado agrícola como “barter”, em que fertilizantes, agrotóxicos e sementes são trocados por produtos agrícolas). Por meio do programa de relacionamento com produtores (com incisiva campanha de *marketing*) e de uma *trading* criada pela empresa (a Nutrade), a Syngenta comercializou em 2010 mais de 200 mil sacas de cafés finos no Brasil (Silveira 2010). Em Patrocínio tal estratégia é viabilizada a partir da ação de representantes comerciais da empresa no município.

Patrocínio, com área total de 670 hectares, o que demonstra o caráter seletivo de seu emprego.

Essa produção moderna e que almeja produtos diferenciados, como é o caso dos cafés especiais, com indicação de origem ou certificações internacionais, também é exigente de um consumo produtivo especializado ofertado por empresas de consultoria e licenciamento ambiental (foram encontrados sete agentes que oferecem serviços dessa natureza em Patrocínio), que inclui serviços de averbação de reservas legais, agrimensura, topografia e georreferenciamento, licenciamento ambiental, outorga de água etc. São empresas de instalação recente (última década), normalmente que resultam de iniciativas de jovens profissionais (principalmente agrônomos e engenheiros ambientais) que se dedicam à resolução das novas imposições normativas referentes às questões ambientais do campo, ao empregar mão de obra pouco numerosa e normalmente com conhecimentos bastante específicos (formação de nível superior, muitas vezes realizada fora do lugar) e com emprego de tecnologias modernas. A oferta de tal serviço em Patrocínio atende inclusive a demandas de produtores em municípios próximos.

Ainda mais especializados parecem ser os serviços de consultoria e suporte para a certificação de café — além da própria Federação de Cafeicultores do Cerrado (responsável pelo fornecimento do selo de indicação geográfica de origem e pelo acompanhamento constante das propriedades certificadas) —, uma empresa localizada na cidade desde 2008 oferece assessoria e intermediação para produtores que buscam certificações internacionalmente reconhecidas (Rain Forest, UTZ Certified e 4C), e atua como representante dessas certificadoras em Patrocínio. Tais agentes e sua presença no município denotam as dimensões normativas que hoje compõem a situação de especialização produtiva e o caráter renovado das exigências para uma maior competitividade da produção e produtividade espacial dos lugares (Santos 1999).

A modernização das unidades produtivas e o caráter regional da produção, marcado pela presença de médios e grandes produtores, também garante mercado para empresas que vendem e dão manutenção a equipamentos como tratores, colheitadeiras e veículos especiais para o trabalho no campo (seis revendas dos fabricantes New Holland, Valtra, Case, John Deere, Agrale e Massey Ferguson), o que revela o caráter mecanizado que o trabalho agrícola moderno acolhe na região. Tais agentes são ora filiais de empresas localizadas

em municípios da própria região (como é o caso de Araguari), ou ainda do interior de São Paulo (Ribeirão Preto), ora matrizes e com filiais em outros municípios do Triângulo Mineiro. Exigentes de crédito para a realização das vendas de equipamentos em geral caros, a totalidade desses agentes informou que as compras financiadas respondem por quase tudo o que é comercializado, o que reflete uma face da disponibilidade de dinheiro como informação necessária à realização da moderna produção no campo (Santos 2000).

Ainda na escala local, essa divisão do trabalho também se multiplica entre numerosos agentes nas atividades pós produção. As práticas da cafeicultura moderna no cerrado mineiro e o alto investimento necessário para a compra de alguns implementos são capazes de induzir uma divisão e especialização de tarefas, o que têm garantido nos últimos anos mercado para pelo menos quatro agentes que, localizados em Patrocínio, oferecem serviços de colheita mecanizada (prestação de serviços com colheitadeiras próprias) e beneficiamento de grãos para produtores do município e região. Em que pese o empenho de quantidade significativa de capital (já que o maquinário é caro), tais empresas podem ser caracterizadas como agentes de um circuito superior marginal (Santos 1979), já que possuem caráter familiar e um conhecimento resultante da própria experiência acumulada com o trabalho no lugar. Dessa forma, e ao lançar mão de tais serviços ofertados, a mecanização e otimização do trabalho da colheita do café deixa de ser algo exclusivo dos produtores muito capitalizados.

Se a modernização pós década de 1990 implica o aumento e multiplicação das funções e inserção de novos agentes no lugar, ao demandar novas ocupações e também uma maior instrução da mão de obra empregada, as possibilidades de mecanização da colheita acabam por poupar mão de obra para esse tipo de trabalho. Tal situação é, de certo modo, também recente na região. Ortega (2005, 184) afirma que, ainda que os primeiros esforços de mecanização da colheita tenham ocorrido na região em meados dos anos 1970 e otimizados na década de 1980 (com a inserção de máquinas automotrices), é só nos anos 1990 que tais esforços são intensificados na região do cerrado mineiro, quando uma nova geração de equipamentos mais eficientes é oferecida no mercado. Ortega e Jesus (2010) apontam o crescimento progressivo do emprego das colheitadeiras —em toda a região, eram 80 as máquinas empregadas até os anos 1990, 280 unidades no ano de 2001 e, no final da primeira década do século atual, são mais de 400 as

colheitadeiras em funcionamento no cerrado mineiro (Ortega e Jesus 2010, 9; Souza 2012, 20).

Se cada uma dessas máquinas pode substituir o trabalho de até uma centena de trabalhadores na colheita do café (Ortega 2005, 187), o resultado é a progressiva diminuição da mão de obra envolvida nesse tipo de trabalho em Patrocínio e na região —dados fornecidos pelo Núcleo Intersindical de Conciliação Trabalhista Rural de Patrocínio (“Relatório Estatístico”, maio de 2012), órgão intermediador entre o sindicato dos trabalhadores rurais e o sindicato dos produtores, revelam tal fenômeno. Os procedimentos de contratação e rescisão da mão de obra empregada na safra conhecem progressiva e significativa diminuição do atendimento aos trabalhadores empregados na colheita a partir de meados dos anos 1990, em consonância ao aumento do emprego de colheitadeiras na região. Em 1996 foram atendidos no Núcleo 12.583 trabalhadores, número que diminui para 8.588 no ano 2000 e para 4.433 trabalhadores no ano de 2011 (redução de 65% dos atendimentos para contratação de mão de obra nos últimos 15 anos). Assim, o trabalho pouco exigente em termos de qualificação diminui de forma significativa, e o volume de trabalhadores migrantes para a safra oriundos sobretudo da região norte de Minas Gerais e do interior da Bahia, até hoje importante no conjunto da população empregada nessa atividade, diminui em termos quantitativos.

Um conjunto de pelo menos outras 13 empresas dedica-se à venda e manutenção de maquinário para beneficiamento de café, ao comercializar e oferecer serviços de reparo para máquinas como recolhedores, removedores, lavadores, secadores, além de adubadoras, pulverizadores, colheitadeiras e demais equipamentos. Mais uma vez, um conjunto de empresas ora unilocais, ora por meio de filiais ou representações, se instala em Patrocínio em sua maioria nos últimos dez anos e alcança hoje clientela em diversos municípios da região. Máquinas e peças de reposição são adquiridas principalmente em municípios paulistas, onde se localizam os fabricantes (Agudos, Cotia e Espírito Santo do Pinhal são alguns dos principais municípios fabricantes de máquinas, enquanto peças e equipamentos metalúrgicos são oriundos de Ribeirão Preto, Campinas e São Paulo), o que revela novamente o alcance dos nexos territoriais necessários à realização da agricultura moderna. Empresários paulistas (um caso significativo parece ser os de Espírito Santo do Pinhal) se instalaram em Patrocínio e buscam um mercado que cresce na região

a partir da última década, para a oferta de tais produtos e serviços. É assim que uma nova classe oriunda de outras regiões expande a oferta de serviços especializados, encontra possibilidades facilitadas de acumulação quando se insere e coopera com tal produção moderna, e acaba por criar demandas de consumo (também o consumo consumptivo) no lugar. “Qualificados e por vezes com rendas relativas mais altas, esses novos atores são convidados a formas subordinadas de ação e, ainda que possam ter consciência disso, frequentemente não têm outra alternativa” (Silveira 2011, 7).

A armazenagem e rebeneficiamento do café aparecem como serviços importantes no circuito produtivo. Dados da Conab (2012) indicam a existência de 20 armazéns convencionais (tipo utilizado para o café) em Patrocínio, controlados por nove empresas. A capacidade estática disponível no município ultrapassa as 115 mil toneladas, e a Expocacer é a maior detentora de capacidade de armazenagem (mais de 45 mil toneladas, num conjunto de cinco armazéns). Alguns armazéns oferecem serviços modernos de rebeneficiamento e padronização eletrônicos (com separação de grãos por tamanho e cor), indispensável para o aumento dos ganhos dos exportadores.

Marcada por uma condição de tradicional *commodity* de exportação, a produção cafeeira é exigente de um movimento que garanta os fluxos do que é produzido em direção ao porto exportador (Santos, no estado de São Paulo) ou ainda até as indústrias de torrefação (as principais localizadas no estado de São Paulo e também no sul de Minas Gerais). Em que pese os serviços próprios de transporte diretamente realizados por grandes produtores, exportadores e cooperativas, levantamos em Patrocínio a existência de cinco empresas especializadas no transporte de café (com uso de caminhões, com fluxos principalmente direcionados para Santos e sul de Minas Gerais).

Atividades simples e menos intensas em capital são também realizadas, como é o caso do trabalho desempenhado por algumas sacarias, agentes de um circuito superior marginal da economia (Santos 1979) que subsistem cooperando com o moderno circuito produtivo. Pelo menos três empresas se dedicam exclusivamente a essa atividade em Patrocínio (com venda e reforma de sacos de juta ou *bags* de material sintético), ainda que algumas pequenas corretores também ofereçam essa mercadoria. O trabalho envolve a compra, na maioria das vezes, de material já usado (oriundo da própria região e também do sul de Minas Gerais), que é reformado

em pequenas oficinas a partir de trabalhos simples de costura (com indícios de que tais trabalhos são também realizados em residências na cidade).

Ainda no que se refere aos serviços pós produção, a tradicional atividade de corretagem, que realiza a intermediação entre produtores e compradores (para a indústria nacional ou exportação), é hoje complementada por modernos serviços de assessoria de mercado, ofertados em Patrocínio por algumas poucas corretores. Agentes de investimentos aparecem como serviços exclusivos de poucas corretores (que trabalham principalmente com mercado futuro). Algumas das mais modernas corretores ou consultorias (que focam principalmente grandes produtores e visam a comercialização dos cafés finos) se inserem recentemente em Patrocínio, por meio da iniciativa de empresários que originalmente atuavam ou ainda hoje atuam em empreendimentos localizados em outros pontos do país (Santos, Franca e Maringá exemplificam alguns casos).

Esse trabalho de corretagem é o que parece envolver o maior número de agentes em Patrocínio (foram levantados mais de 40 agentes na cidade), e é marcado pela atuação de empresas muito diferentes em termos de capital e organização. Algumas dessas mais capitalizadas e com alto nível de organização (terminais online para acompanhamento de cotações pela bolsa de valores São Paulo (BM&F), funcionários especializados para contatos com compradores localizados no Brasil e exterior, etc.), mas também empresas unilocalizadas e de instalações modestas que fazem a intermediação de pequenos volumes de produção (normalmente junto a pequenos produtores), apenas em escala local e utilizando-se de instrumentos de trabalho muito simples (novamente com características de um circuito superior marginal). Disputando tanto o “café *commodity*” (voltado para a indústria e mercado internos) quanto os cafés especiais (na maioria das vezes certificados e daí voltados para a exportação), alguns corretores informaram que o volume intermediado junto aos produtores pode variar de dez a mil sacas.

Completa a lista de serviços fundamentais ao circuito produtivo, o trabalho desempenhado por um conjunto de exportadores que, inseridos no lugar (cerca de 15 empresas), finaliza as vendas que têm como destino o mercado externo. Portadores de um conhecimento estratégico da dinâmica do mercado (cotações, ofertas nacional e externa, valorização pelas certificações etc.), são estes os atores que mais lucram. A atividade de exportação aparece em Patrocínio desde os anos

1980 e era agenciada a partir de corretores locais, por vezes vinculados a empresas estrangeiras. Um dado novo, sem dúvida, é a inserção, muito recente, de um conjunto de grandes *tradings* estrangeiras que, com as sedes brasileiras localizadas em São Paulo, Santos e Belo Horizonte, atuam com um conjunto de filiais espalhadas nos principais municípios produtores dos estados de Minas Gerais, São Paulo, Espírito Santo, entre outros, agora diretamente realizam compras para exportação também a partir de Patrocínio, ao concorrer diretamente, portanto, com corretores e exportadores locais/nacionais. Pelo menos quatro grandes grupos estrangeiros, que figuram como algumas das principais *tradings* internacionais com atuação no território brasileiro, instalam em Patrocínio escritórios de comercialização de café a partir da segunda metade dos anos 2000 (multinacionais oriundas da Alemanha, Suíça e Singapura, além de uma *joint venture* formada por capital nacional e estadunidense). Tal situação expressa a vocação exportadora da produção de cafés finos (*gourmet/certificados*), comandada por uma estrutura oligopsonica (composta por alguns poucos grupos estrangeiros), o que intensifica o caráter de extroversão da produção realizada no lugar, que, ao mesmo tempo, se torna mais regulado e comandado por agentes externos.

## Considerações finais

Incluída numa divisão territorial do trabalho definida de fora da região e do país, já que se estabelece como uma porção moderna e competitiva para a produção de uma *commodity* valorizada no mercado externo, a região do cerrado mineiro, particularmente Patrocínio e os municípios de seu entorno especializados na produção de café, acaba por acolher os vetores que tornam o território dinâmico e valorizado, que cumprem, neste período de globalização, funções e demandas externas.

Formas geográficas e objetos técnicos modernos, articulações políticas, uma nova dinâmica econômica e social do lugar, nexos territoriais tornados mais abrangentes e nexos financeiros ainda mais aprofundados e tornados essenciais à produção, inserção e novo comando de agentes externos, figuram, no lugar, como características e resultados da especialização territorial e de uma divisão do trabalho típica do período atual.

Se a produção aumenta e crescem os lucros com a atividade, à primeira vista a condição de Patrocínio e da região parece ser a de uma “confortável” inserção

competitiva da produção e do lugar no mundo globalizado. O território ganha uma nova configuração e uma nova dinâmica econômica (cada vez mais ligadas a atores externos), ainda que tal situação favoreça sobretudo estruturas corporativas e oligopolizadas de acumulação, ao mesmo tempo em que a economia local cresce quase que exclusivamente em função da cafeicultura moderna.

A situação de Patrocínio, pelo que pudemos avaliar, é, no Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, a que mais se aproxima da configuração típica de uma “cidade do campo moderno” ou “do agronegócio” (Elias 2006, 2011; Santos 1993). Tal hipótese se confirma não só em função da expressiva produção do café, mas sobretudo pela situação de organização técnica e política da produção (como é o caso de instituições como as associações de produtores e a própria Expocacer), importância da cafeicultura nas finanças e na economia local, além da oferta de um consumo produtivo sem o qual a produção moderna não se realiza e com o qual se acionam espaços mais vastos, quando agentes e lugares distantes cooperam e tornam mais complexos os nexos produtivos e mais densa a inserção da região no circuito espacial de produção do café no território brasileiro, com fortes vínculos com o mercado externo, principalmente pela produção de cafés finos.

Podemos afirmar que a atividade se torna mais globalizada após os anos 1990 (com nova regulação do produto no mercado internacional) (Frederico 2011), mas tal situação se realiza no lugar com a especificidade de políticas coordenadas por um conjunto de agentes que tomam a valorização da produção, a competitividade e a inserção do produto no mercado externo como verdadeiras metas (como exemplificam as ações da Federação dos Cafeicultores do Cerrado). Se desde os anos 1970 há contínua inserção da técnica e da ciência (pesquisas, mecanização, sistemas de irrigação etc.) e a consequente instalação de uma nova população de empresas que oferecem tais serviços e produtos no lugar, tais esforços não se realizam sem um projeto político dos principais cafeicultores (uma defesa dos interesses de classe, portanto), que visa maior lucratividade e maiores ganhos que, de fato, não alcançam todos os agentes envolvidos na produção, como reconheceu Silva (2012).

A estratégia recente que designa a nova denominação da indicação geográfica (“Região do Cerrado Mineiro”) e as campanhas publicitárias da Federação dos Cafeicultores do Cerrado, “marketing territorial” que valorizam o produto e os esforços locais e, ao mesmo

tempo, funcionam como um reclamo à maior competitividade (o que sugere inclusive que o café certificado é “produzido com atitude”), são manifestações claras de uma psicosfera (Santos 1996) que orienta a produção regional e tem garantido lucros aos que dispõe dos recursos necessários à certificação. É toda a elaboração de uma narrativa local vinculada ao mercado e à competitividade (Silveira 2002, 13), que aciona e mobiliza um vasto conjunto de agentes e recursos, sem o qual a viabilidade da acumulação ampliada (e concentrada) não se realiza.

A indicação geográfica<sup>3</sup> figurou como um dos diferenciais mais importantes para agregação de valor à produção cafeeira realizada no Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, e é claramente direcionada à abertura de novos mercados para produtos diferenciados em termos do que o mercado hoje denomina “responsabilidade social” e, sobretudo, “sustentabilidade ambiental”. Conforme a proposição de Samuel Frederico (2011, 6), “As novas formas de produzir e consumir assumem, contrariamente, características de uma espécie de *anticommodity*”, resultado da diferenciação do produto que, aos poucos, não é apenas tratado em termos de volume de produção. Daí a importância dos selos de certificação e, no cerrado mineiro, para além da indicação geográfica, certificações estrangeiras (que atuam junto a grandes grupos do setor) são cada vez mais almejadas por cafeicultores da região, ainda que isso exija o cumprimento de uma série de normas e procedimentos, além da relação com novos agentes (sobretudo externos) no circuito produtivo. O aparecimento, em Patrocínio, de um conjunto de agentes e de novas tarefas que viabilizam tais ações (consultorias para certificações, regularização ambiental etc.) é indicativo dessa nova natureza normativa e organizacional de uma produção que se pretende globalizada.

A situação geográfica, resultante de um novo arranjo de sistemas de objetos e de ações, que se estabelece na região neste período atual, foi capaz de produzir uma vasta divisão do trabalho no interior da atividade, o que

<sup>3</sup> “A ‘Denominação de Origem’, além de designar o local de produção, está relacionada às características do produto, também está relacionada às características naturais e culturais ímpares que, combinadas, conferem uma qualidade diferenciada ao produto. A denominação de origem do café se apropria das particularidades de uma região histórica, com uma identidade cultural própria, e fundamenta a criação de uma circunscrição administrativa para conferir maior competitividade a uma fração de espaço”. (Castillo e Frederico 2010, 20)

permitiu a coexistência e fez multiplicar o número de agentes que, solidários à produção moderna, acabam por encontrar no lugar condições de sobrevivência no mercado (um vasto conjunto de pequenas e médias empresas prestadoras de serviços diretamente ligados à produção, pequenos corretores etc.). Mas é preciso reconhecermos que, de algum modo, a inserção de tais agentes ocorre de forma subordinada e também se vê de certo modo ameaçada por agentes externos que hoje se instalaram no município, especialmente as grandes *tradings* que, recentemente, têm atuado diretamente na compra principalmente dos cafés finos (os que garantem maiores lucros). Assim, os esforços políticos locais para o fortalecimento da produção, tão almejados por produtores, associações e cooperativas locais desde os anos 1980-1990 (que sem dúvida consolidam a cafeicultura competitiva e uma produção qualificada para inserção no mercado externo) de alguma forma criou também as condições de competição e disputa entre agentes locais e externos, já que a Expocacer, por exemplo, tende a disputar com grupos estrangeiros a comercialização dos produtos mais valorizados no mercado.

Tal situação também se repete entre outros agentes —pudemos ouvir de alguns corretores (desde os maiores e de maior tempo de atuação, como também entre pequenos empreendimentos)— que, nos últimos anos, aumenta consideravelmente o volume comercializado diretamente pela cooperativa (a Expocacer),

bem como por grandes exportadores que se instalaram recentemente. Outra situação que toma mercado das corretoras locais é a da “troca por café futuro”, quando empresas que comercializam insumos agrícolas passam a trabalhar a base de troca e utilizar o café como “moeda” —pacotes tecnológicos, ligação compulsória para a compra de insumos—, entre outras situações de dependência, criam os elos necessários para assegurar uma acumulação ampliada, que remunera muito mais os agentes externos do que produtores e empresas locais. São manifestações do embate entre agentes muito diferentes em termos de atuação e estratégias de acumulação, o que indica novamente a vulnerabilidade em função de interesses externos.

Assim, é necessário questionar: quais são os agentes que mais ganham? Quem mais se beneficia das novas normas e estratégias de mercado? Quem comanda quem na atual situação da produção moderna, com vistas aos produtos mais valorizados e aos mercados distantes? Ao mesmo tempo que a produção do café em Patrocínio e região cresce em quantidade e qualidade, atrai novos agentes e torna-se muito mais complexa em termos organizacionais e em importância econômica e financeira no território, também crescem a vulnerabilidade e a instabilidade territorial (Santos 1978), já que o controle da comercialização da produção mais valorizada é limitado e seu comando tende a se concentrar nas mãos de poucos agentes.

### **Mirlei Fachini Vicente Pereira**

Possui graduação em Geografia (licenciatura e bacharelado); é Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, São Paulo (Brasil). É professor Adjunto II do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, Brasil.

Para citar este artículo, utilice el título completo así:

Pereira, Mirlei Fachini Vicente. 2014. “O Globalização, especialização territorial e divisão do trabalho: Patrocínio e o café do cerrado mineiro”. *Cuadernos de Geografía: Revista Colombiana de Geografía* 23 (2): 239-254.



Excepto que se establezca de otra forma, el contenido de este artículo cuenta con una licencia Creative Commons “reconocimiento, no comercial y sin obras derivadas” Colombia 2.5, que puede consultarse en <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/co/>

## Referências

- Assunção, Washington Luiz. 2002. "Climatologia da cafeicultura irrigada no município de Araguari (Minas Gerais)". Tese de Doutorado em Geografia, Universidade Estadual Paulista, Brasil.
- Banco do Brasil. 2011. *Estatísticas de crédito*. Brasil: Banco do Brasil.
- BCB (Banco Central do Brasil). 2012. "Anuário Estatístico de Crédito Rural". <http://www.bcb.gov.br/?RELRURAL> (consultado em dezembro 2012).
- Brito, Jorge Luís Silva e Eleusa Fátima de Lima. 2007. *Atlas escolar de Uberlândia*. Uberlândia: Edufu.
- Castillo, Ricardo e Samuel Frederico. 2010. "Dinâmica regional e globalização: espaços competitivos no território brasileiro". *Mercator* 9 (18): 17-26. DOI: 10.4215/RM2010.0918.0002.
- Conab. 2011. "Companhia Nacional de Abastecimento". <http://www.conab.gov.br> (consultado em outubro 2011).
- Conab. 2012. "SICARM - Sistema de Cadastro Nacional de Unidades Armazenadoras". <http://sisdep.conab.gov.br/consultaarmazemweb/> (consultado em dezembro 2012).
- Elias, Denise. 2006. "Globalização e fragmentação do espaço agrícola no Brasil". *Scripta Nova: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales* 10 (218 (3)): 1-19.
- Elias, Denise. 2011. "Agronegócio e novas regionalizações no Brasil". *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais* 13 (2): 153-167.
- Expocaccer (Cooperativa dos Cafeicultores do Cerrado). 2011. *Relatório da Administração 2010*. Patrocínio: Expocaccer.
- Federação dos Cafeicultores do Cerrado. 2011. *Café produzido com atitude: ético, rastreável e de alta qualidade*. Patrocínio: Sebrae.
- Frederico, Samuel. 2011. "Globalização, regiões competitivas e cafeicultura científica globalizada". Anais do IX Encontro Nacional da Associação de Pós-graduação em Geografia (ANPEGE), 8-12 de outubro. Goiânia: Universidade Federal de Goiás.
- IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). 2012. "Censo Agropecuário 2006". <http://www.sidra.ibge.gov.br> (consultado em novembro 2012).
- IBGE - Cidades (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Cidades). 2012. "IBGE Cidades Patrocínio, Minas Gerais". <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/index.php> (consultado em outubro 2012).
- IBGE-PAM (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Produção Agrícola Municipal). 2011. "Produção Agrícola Municipal". <http://www.ibge.gov.br> (consultado em dezembro 2011).
- Marx, Karl. [1858] 2011. *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858; esboços da crítica da economia política*. São Paulo: Boitempo.
- Ortega, Antonio César. 2005. *Agronegócios e representação de interesses no Brasil*. Uberlândia: EDUFU.
- Ortega, Antonio César e Clelio Marcelino Jesus. 2009. "Café do Cerrado: certificação de origem, nova sociologia econômica e desenvolvimento territorial rural". Anais do I Seminário Nacional de Sociologia Econômica, 19 a 22 de maio. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.
- Ortega, Antonio César e Clelio Marcelino Jesus. 2010. "O processo de modernização da atividade cafeeira no Território Café do Cerrado e o impacto sobre o pessoal ocupado: uma releitura dos dados dos censos agropecuários de 1970 a 2006". Anais XV Encontro de Economia Política. América Latina e Brasil na nova configuração do capitalismo, São Paulo, Brasil.
- Núcleo Intersindical de Conciliação Trabalhista Rural de Patrocínio. "Relatório Estatístico". Maio de 2012. Patrocínio: Mimeo.
- Santos, Milton. [1978] 2008. "A divisão social do trabalho como uma nova pista para o estudo da organização espacial e da urbanização nos países subdesenvolvidos". Em *Da totalidade ao lugar*, 55-75. São Paulo: Edusp.
- Santos, Milton. 1978. *O trabalho do geógrafo no Terceiro Mundo*. São Paulo: Hucitec.
- Santos, Milton. 1979. *O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana nos países subdesenvolvidos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Santos, Milton. 1993. *A urbanização brasileira*. São Paulo: Hucitec.
- Santos, Milton. 1994. *Técnica, espaço, tempo. Globalização e meio técnico-científico informacional*. 2<sup>ed</sup>. São Paulo: Hucitec.
- Santos, Milton. 1996. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec.
- Santos, Milton. 1999. "Modo de produção técnico-científico e diferenciação espacial". *Território* 4 (6): 5-20.
- Santos, Milton. 2000. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record.
- Santos, Milton e María Laura Silveira. 2001. *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Record.
- Silva, Hugo Leonardo. 2012. "Poder, política e agronegócio: uma análise sobre o setor cafeeiro no Cerrado Mineiro (1990-2012)". Monografia de Bacharelado em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Brasil.
- Silveira, Luiz. 2010. "Syngenta troca defensivo por café especial e exporta 200 mil sacas". *Brasil Econômico*, 30 setembro. <http://www.brasileconomico.com.br/noticias/nprint/92072.html> (consultado em fevereiro 2013).

- Silveira, María Laura. 2002. "Globalização, trabalho, cidades médias". *GeoUERJ* 11 (1): 11-17.
- Silveira, María Laura. 2011. "Território usado: dinâmicas de especialização, dinâmicas de diversidade". *Ciência Geográfica* 15 (1): 4-12.
- Simões, Juliana Carvalho e Djalma Ferreira Pelegrini. 2010. *Diagnóstico da cafeicultura mineira - regiões tradicionais: Sul/Sudoeste de Minas, Zona da Mata, Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba*. Série Documentos n.º 46. Belo Horizonte: EPAMIG.
- Souza, Glaycon Vinícius Antunes de. 2012. "Patrocínio e o agronegócio do café". Relatório Parcial de Pesquisa, Uberlândia, Brasil.
- Souza, Glaycon Vinícius Antunes de e Mirlei Fachini Vicente Pereira. 2012. "A produção cafeeira em Patrocínio-MG: agricultura científica globalizada e especialização territorial produtiva". Trabalho apresentado em XVII Encontro Nacional de Geógrafos, 22 a 28 de julho, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil.